

O ELO foi conhecer a Unidade Saúde Mental do HFAR

“Uma garantia do respeito pela nossa Condição Militar”

No dia 6 de abril foi inaugurado no Hospital das Forças Armadas (HFAR) – Pólo de Lisboa um edifício dedicado à Saúde Mental dos militares e dos antigos combatentes. Serviços que estavam até então dispersos nas instalações daquela Unidade de Saúde Militar estão agora concentrados num edifício que foi integralmente remodelado e melhorado para receber a integração das áreas de Psiquiatria e de Psicologia Clínica, chefiadas respetivamente pela capitão-tenente Inês Nascimento e pela major Marianne Cordeiro. O Stress Pós-Traumático de Guerra voltou recentemente à televisão, pois foi tema central no programa “A Tarde é Sua”, da SIC, no dia 12 de julho. A ADFA esteve representada pelo seu presidente José Arruda e testemunhou o drama da vida de tantos antigos combatentes que ficaram marcados para sempre pela Guerra Colonial. O conflito, em muitos casos, marcou estes homens física e psicologicamente. O HFAR enviou representantes das áreas de Psicologia e de Psiquiatria e a apresentadora Fátima Lopes moderou as intervenções.

Para a ADFA, depois de muitos anos sem reconhecimento por parte do Poder e da sociedade em geral, o Stress de Guerra foi considerado causa de incapacidade e de deficiência entre os militares - os antigos combatentes que serviram a Pátria na Guerra Colonial, bem como nos últimos anos os militares no ativo, nas mais diversas missões, em representação de Portugal, da União Europeia e da NATO, com riscos permanentes para a saúde e para as suas próprias vidas.

O apoio aos homens vítimas de Stress de Guerra sempre foi uma reivindicação da ADFA desde a sua fundação e quando, nos anos 80, a questão entrou no domínio público através do professor e psiquiatra Afonso de Albuquerque, na ADFA, os médicos começaram a olhar para a doença para além do diagnóstico de “neurose de guerra” e iniciaram uma nova abordagem, à semelhança com o que a medicina já trabalhava noutros países,

reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

A Associação considera “muito importante a abertura daquele serviço de apoio psicológico e de psiquiatria no HFAR”, sublinhando que o Hospital fica mais próximo dos seus doentes, militares no ativo e antigos combatentes, ao potenciar esta valência. “A integração destes serviços possibilita um atendimento muito humanizado, como convém neste tipo de doenças do foro mental”, realçou o presidente.

Na televisão, decorrendo na altura o debate sobre o Estado da Nação, o presidente da ADFA deixou um apelo ao primeiro-ministro e ao ministro das Finanças, para que façam com que o Orçamento do estado do próximo ano inclua verbas para garantir o pleno funcionamento desta estrutura, em termos de recursos financeiros e humanos.

O ELO deslocou-se ao HFAR e foi recebido pela Direção do Hospital e visitou, em reportagem fotográfica, as novas instalações para a área da Saúde Mental. A chefe da Unidade de Psicologia Clínica, a MAJ PSI Marianne Cordeiro, psicóloga, e a chefe do Serviço de Psiquiatria, a CTEN MN Inês do Nascimento, médica psiquiatra, orientaram o ELO no circuito pelo edifício, acompanhadas pelo enfermeiro-chefe CAP TS Marcelo Vaz, pela enfermeira adjunta especialista em Saúde Mental, SUB-TEN TS Maria do Céu Nascimento, e pela administrativa Fernanda Sobreiro.

Espaços amplos, perfeitamente acessíveis para os deficientes militares com problemas motores ou outros, zonas cheias de luz natural (protegidas do exterior ao nível térreo, preservando a intimidade e a privacidade dos doentes), fotografias da natureza, com cores vivas e cheias de vida, remetem para a tranquilidade, e um ambiente calmo, quase silencioso, possibilitam uma passagem em que o Hospital fica positivamente transformado num local acolhedor, sem elementos stressantes. A tecnologia mais evoluída alia-se aos materiais mais modernos para disponibilizar o conforto que muitas unidades de saúde pelo País ainda não têm.

No internamento, no piso térreo, há 13 camas disponíveis, incluindo um quarto especial preparado para casos mais severos, sem nunca descuidar o máximo conforto e a prevenção necessária para apoiar totalmente quem fica no Hospital para ser tratado.

Nas instalações há muitos espaços com missões diversas mas complementares, para que os doentes e a equipa médica e de enfermagem possam interagir com suavidade. Há uma autêntica central de operações, com monitorização de cada quarto e perfeita comunicação eletrónica com cada doente. Tudo pode ser controlado deste ponto – as janelas, as portas e acessos, a comunicação. Os gabinetes de consultas têm espaço com sofás, numa abordagem mais confortável aos doentes. As zonas comuns de refeição e de atividades ocupacionais foram preparadas ao pormenor. Há mesmo um espaço para o exercício das atividades diárias ligadas à cozinha ou à lida da casa. Durante a visita a equipa mostrou ao ELO salas para terapia individual e de grupo, espaços para testes neuropsicológicos ou psicoeducação, para adquirir e exercitar “rotinas de reabilitação”.

A sala que mais capta a atenção é a Sala de Musicoterapia, insonorizada e equipada com um piano, uma bateria e outros instrumentos musicais, que contribuem para a melhoria em tratamento.

Neste serviço de Psiquiatria os vidros das instalações são inquebráveis, uma inovação que só existe no HFAR. Tudo pela segurança, pelo conforto e pela salvaguarda da integridade física de quem precisa de ajuda, a qualquer momento. Nos quartos não há fios, cabos eléctricos, cabides ou mobiliário que algum paciente possa usar contra si próprio.

O edifício da Saúde Mental do HFAR é dotado de um Hospital de Dia de Psiquiatria, serviços de Psicologia Clínica e de Saúde Ocupacional e ainda o Centro de Epidemiologia e Intervenção Preventiva de apoio médico-sanitário aos militares enviados em missão no estrangeiro, por exemplo.



FOTOS RAFAEL VIGENTE



O Hospital de Dia de Psiquiatria é uma inovação direcionada a doentes em pós-internamento, com recurso aos equipamentos e espaços que a especificidade de cada situação exige.

A major Marianne Cordeiro referiu que “há pessoas da ADFA e da Liga dos Combatentes que são acompanhadas e tratadas no nosso serviço”, realçando que “os ex-combatentes são prioridade para nós, bem como as suas famílias”, no enquadramento da ADM. Para o HFAR e para o Centro de Saúde Mental é importante a regularidade dos tratamentos, aferida pela equipa especializada.

Segundo informações do HFAR, está em curso a formação de pessoal especializado para o Centro de Saúde Mental. Para as responsáveis pelos serviços de Psicologia Clínica e de Psiquiatria, é importante que o HFAR veja os associados da ADFA e deficientes militares em geral ao mesmo nível dos militares no ativo, daí o esforço para que na remodelação de um edifício como este não fossem descuidados a acessibilidade e mobilidade, adaptadas às pessoas portadoras de deficiência. Foi também referido que, mesmo quando internados noutras especialidades do HFAR, os doentes podem ser apoiados pelo Centro de Saúde Mental.

A ADFA congratula-se com a modernização da área de Saúde Mental do HFAR, “numa

integração benéfica de serviços e de equipas, para maior proximidade da unidade de saúde militar com os seus utentes, nomeadamente os deficientes das Forças Armadas”. Os associados da ADFA têm no HFAR o “ pilar vital” que o seu direito à reabilitação e à reparação impõe, como parte integrante da Família Militar. “Aquele Centro é muito importante porque estamos mais velhos e mais doentes”, lembrou à imprensa José Arruda, presidente da ADFA, aquando da inauguração do edifício da Saúde Mental, salientando da mesma forma que “para os [militares] de agora também é preciso porque são missões de risco e necessitam de apoio... A Condição Militar é algo muito sério e todos merecemos respeito e consideração”. Para o presidente, o HFAR tem sido uma garantia do respeito pela Condição Militar dos deficientes das Forças Armadas.

O ELO saúda o HFAR e a equipa do Centro de Saúde Mental nesta fase de renovação que trará cada vez mais saúde, conforto e segurança aos deficientes militares, no respeito pela sua dignidade como antigos combatentes que serviram Portugal nas Forças Armadas Portuguesas e que têm, com as suas famílias, ao longo de mais de quatro décadas, vivido com as marcas inesquecíveis da Guerra Colonial.